



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE –  
UNICENTRO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS E  
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

*O AMANTE: UMA AUTOBIOGRAFIA DE DURAS*

Aluna: Eduarda Machado Pacheco  
eduarda.pacheco@hotmail.com

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raquel Terezinha Rodrigues  
raquelterezinha@gmail.com

Linha de pesquisa: Texto, memória e cultura

**Resumo:**

A pesquisa tem como objetivo analisar o romance *O amante* (1984) de Marguerite Duras, tendo como suporte teórico a teoria autobiográfica proposta por Philippe Lejeune e as memórias femininas proposta por Maria José Motta Viana. Sendo assim, pretendemos compreender em que momento está inserido a escrita memorialística na obra e entender como essa memória se dá no universo feminino.

Palavras-chave: Marguerite Duras; obra autobiográfica; gênero memória.

**Abstract:**

The research aims to analyze the novel *The Lover* (1984) of Marguerite Duras, having as theoretical support autobiographical theory proposed by Philippe Lejeune and the feminine proposed by José Maria Motta Viana. Thus being, we intend to understand at what point is inserted the memoirs script in the work and understand how this memory is of in the feminine universe.

Keywords: Marguerite Duras; autobiographical work, genre memory.

## **INTRODUÇÃO**

O livro *O amante* (1984) de Marguerite Duras narra uma parte de sua vida que passa durante a adolescência quando morava na Indochina, colônia francesa, atual Vietnã. Duras, dentre outros temas abordados, fala sobre seu caso com um chinês, sobre suas expectativas em relação à vida que eram diferentes das outras moças da sua época. A obra, lançada na França, em 1984, foi premiada com o Goncourt, tornando-a mais conhecida ainda pelos leitores.

*O amante* é incluído, inicialmente, no “novo romance” francês, pois apresenta características dos autores dessa escola como, Nathalie Sarraute, Alain Robbe-Grillet e Michel Butor, contudo tem sua característica própria que o afasta, posteriormente, do movimento.

Em relação ao contexto histórico, o gênero autobiográfico ou memória, começou a aparecer a partir do século XVIII. Segundo Santos (2010), foi com o advento da burguesia e se fortalecem com a propagação das ideias que estavam circundando o indivíduo. Mas, somente no século XX que esse gênero teve seu aparecer totalmente.

Para a autobiografia, os registros da realidade pessoal, ou seja, os registros das experiências pessoais são de fundamental importância. Eles se relacionam com o contexto sócio-histórico do momento que foram registrados e assim ficam repletos de informações históricas. Em *O amante*, de Marguerite Duras, a partir dos registros da autora nós temos a informação que ela residia em uma colônia francesa, na qual havia muito preconceito em relação aos colonizados, preconceitos como a desigualdade social, pois Marguerite Duras e sua família pertenciam a uma classe inferior, financeiramente falando.

Nessa pesquisa, o objetivo foi analisar a obra *O amante*, de Marguerite Duras, a partir de teorias autobiográficas de teóricos como Philippe Lejeune e teorias de memórias femininas de autores como Maria José Motta Viana, Clara Rocha, Willian Gass. A partir dessas teorias, procuramos compreender a escrita memorialística feminina e como se desenvolve nesse contexto histórico.

O livro *O amante* é uma obra autobiográfica no qual Marguerite Duras narra um trecho de sua vida na adolescência. A partir de sua história com seu amante chinês, ela nos revela o contexto histórico em que se passava a narrativa e seus problemas sociais na colônia francesa.

Em textos do gênero memorialístico temos como suporte teórico para uma análise Philippe Lejeune. Em sua teoria, Lejeune, estabelece alguns pactos que ajudam na definição do gênero. A partir dessa teoria realizamos a análise e enquadrados a obra nos pactos autobiográficos, romance autobiográfico e pacto = 0.

## **DURAS POR DURAS**

Marguerite Donnadiou nasceu em 1914, na colônia francesa Indochina, que hoje é o atual Vietnã. A escritora adotou o nome Duras em 1943 em homenagem ao pai que

nasceu nessa na cidade de Duras. Seu pai e sua mãe deixaram a França para trabalhar em uma escola primária da colônia francesa e tiveram três filhos, Marguerite e seus dois irmãos, Pierre e Paul. Depois que o pai de Marguerite morreu, sua mãe, na tentativa de melhorar a vida, resolveu comprar algumas terras para cultivar arroz, mas acabou comprando uma terra que não era boa para se cultivar, porque era constantemente invadida pelas águas do mar e assim teve prejuízo.

Depois disso, sua mãe volta a ser professora e coloca Marguerite em uma pensão em Saigon para terminar seus estudos. Aos 18 anos, Duras se muda para França para cursar a faculdade de Matemática, Direito e Ciências Políticas e começa a trabalhar. Em 1939, Marguerite casa-se com Robert Antelme. Em 1943, ela publica seu primeiro livro: *Les Impudents*.

Em abril de 1947, a autora se divorcia para viver com seu amante Dionys Mascolo de quem teve um filho. Duras teve uma vida agitada, bebeu muito e esteve internada por várias vezes. No retorno de um de seus internamentos ela começa a se comunicar com um admirador que ela já conhecia alguns anos, Yann Andréa, passam a viver juntos tendo uma relação amorosa. Em 1984, recebe o Prêmio Goncourt com *L'Amant*. Marguerite falece em três de abril de 1996.

Na obra *O amante* de Marguerite Duras nós percebemos alguns fatos que aconteceram na sua vida, como por exemplo, na narrativa nós temos a informação de que sua mãe era professora e passava algumas dificuldades para criar seus filhos. A família morava em uma colônia da França, a Indochina. Há um fato registrado, que marcou muito a autora, foi o acontecimento em que sua mãe teve um prejuízo quando comprou uma terra que não produzia nada, pois fora enganada comprando terras banhadas pelo pacífico.

Temos presente também a relação que ela mantinha com seus dois irmãos, um era amado e o outro odiado. Como na vida de Marguerite a personagem também foi estudar e morar em uma pensão em Saigon e posteriormente se muda para França. Passados alguns anos na França, temos a informação de que sua mãe e seu irmão mais velho morrem.

Eu queria matar meu irmão mais velho, queria matá-lo, derrotá-lo uma vez, uma única vez e vê-lo morrer. Para afastar dos olhos de minha mãe o objeto do seu amor, aquele filho, para puni-la por amar com tanto ardor, tão mal, e, sobretudo para salvar meu irmãozinho, eu pensava, meu irmãozinho, meu menino, da opressão da vida desse irmão mais velho que pesava sobre a sua... (DURAS, 1986, p.11)

No início da obra, a narradora diz que no seu presente ela tinha um rosto “destruído”, devastado pelo tempo, isso tudo nos remete à idade que a autora tinha ao publicar o livro: 70 anos.

Embora haja tais fatos que coincidem com a vida real, na obra há uma narradora denominada pela autora. Em alguns momentos temos a oscilação de ora em 1ª pessoa, ora em 3ª pessoa.

## O AMANTE COMO PROPOSTA POÉTICA

Todo texto memorialístico, segundo Philippe Lejeune, é estabelecido alguns pactos que ajudam na definição do gênero, para o teórico:

As formas do pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam de honrar sua assinatura. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade. Sabe-se muito bem o quanto cada um de nós preza seu próprio nome. (LEJEUNE, 2008, p.26).

Esse pacto tem como objetivo estabelecer um tipo de contrato entre o leitor e o narrador. Segundo Lejeune (2008, p.23): “é, portanto, em relação ao nome próprio que devem ser situados os problemas da autobiografia.” A partir disso, o teórico irá desenvolver sua teoria no sentido de definir autobiografia e romance autobiográfico.

Lejeune chega à conclusão de que é possível se ter uma autobiografia em terceira pessoa, para o teórico existem autobiografias em que em algumas partes irão estar em primeira pessoa e em outras estarão em terceira pessoa, e são esses textos que confirmam a existência da autobiografia em terceira pessoa. Na obra *O amante*, encontramos esse tipo de texto que Lejeune define. Em alguns momentos temos a narradora em primeira pessoa.

Muito cedo na minha vida ficou tarde demais. Quando eu tinha dezoito anos já era tarde demais. Entre dezoito e vinte e cinco anos meu rosto tomou uma direção imprevista. Aos dezoito anos envelheci. Não sei se é assim com todos, nunca perguntei. Creio que alguém já me falou dessa investida do tempo que nos acomete às vezes na primeira juventude, nos anos mais festejados da vida. (DURAS, 1986, p.7-8)

E adiante temos em terceira pessoa.

O homem elegante desceu da limusine, fuma um cigarro inglês. Olha para a moça com chapéu masculino e sapatos dourados. Aproxima-se dela lentamente. Percebe-se que está intimidado. Não sorri logo no começo. Oferece um cigarro. Sua mão treme. Há a diferença de raça, ele não é branco, precisa sobrepujar esse fato, por isso treme. Ela diz que não fuma, agradece. (DURAS, 1986, p.37)

Segundo Rocha (1977), o emprego da primeira pessoa gramatical marca a identidade narrador/personagem principal. A narração então assume um caráter autodiegético. E a não-identidade narrador/personagem principal evidencia-se usando a terceira pessoa.

Após definições Rocha (1977) diz que é possível existir narrativas em que a primeira pessoa alterna com a terceira, ela denomina esse tipo de narrativa de híbrida. Portanto podemos considerar *O amante* como uma narrativa híbrida em relação à pessoa gramatical do texto.

Lejeune também diferencia autobiografia e romance. Para ele, “o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz.” (LEJEUNE, 2008, p.23). Dessa forma, o autor seria um desconhecido para o leitor se a sua autobiografia fosse o primeiro livro, pois não haveria livros anteriores que, segundo o teórico, seriam um “signo de realidade”.

Na obra de Marguerite Duras, o autor não se torna um desconhecido para o leitor, pois possui outras obras anteriores publicadas como *Os Imprudentes* (1943), *Barragem contra o Pacífico* (1950), *O amante da china do norte* (1990), *A dor* (1985), essas obras são o “signo de realidade” de que fala Lejeune. Ele define “romance autobiográfico” quando temos em um texto alguma razão para pensarmos que há uma identidade entre o autor e o personagem, mas o autor esconde ou nega essa identidade. Já a autobiografia possui uma identidade assumida na enunciação. Ou seja, quando se trata de uma autobiografia não teremos dúvidas, pelo simples fato de ela mesma estar relatando no seu enunciado, com a coincidência entre o nome do autor e do personagem.

De acordo com Lejeune, um modo de distinguirmos a autobiografia de romance autobiográfico é pela página do título. Para ele há várias formas de pacto autobiográfico, mas todas querem “honrar sua assinatura” (LEJEUNE, 2008, p.26) Se caso a identidade não fosse afirmada pelo autor, o leitor buscaria semelhanças e se fosse afirmada o leitor buscaria algum erro.

No caso de *O amante* não temos no enunciado a coincidência entre o nome do autor, do narrador e nem do personagem. Contudo, durante o texto percebemos que o narrador inicia a sua história sem colocar uma única vez o seu nome, a identidade se dá pela coincidência entre os fatos narrados e fatos da biografia de Duras. Segundo Lejeune (2008, p.25-26) uma autobiografia “não é um jogo de adivinhações” e “não comporta graus: é tudo ou nada.”, então podemos abandonar temporariamente a hipótese da obra ser uma autobiografia e pular para a hipótese de ela ser um romance autobiográfico.

Se seguirmos a definição de romance autobiográfico de Lejeune citada anteriormente, podemos perceber que, nessa obra, temos sim razões para acreditar que há uma identidade entre a autora e a personagem, mas a autora esconde essa identidade, ela não deixa claro em nenhum momento o nome de sua personagem e não deixa claro que a narradora é a autora da obra, por isso dizemos que ela esconde a identidade, nos deixa em dúvida.

Segundo Lejeune (2008), a identidade de nome entre autor, narrador e personagem pode ser de duas maneiras: implicitamente e de modo patente. A forma que nos interessa é implícita, pois nela o narrador assume um compromisso junto ao leitor, como se fosse o autor, assim o leitor não terá dúvida que o narrador seria o autor, mesmo o nome não sendo repetido no texto.

Assim acontece também em *O amante*, no início temos a narradora em seu presente, ela revela em seu texto que agora possui um rosto devastado, destruído. Por alguns momentos quando temos a narradora descrevendo como está atualmente, antes de retomar sua memória dos seus quinze anos, temos ligações com a autora, pois sabemos que a mesma escreveu essa obra em uma idade avançada e que por problemas com álcool e de saúde estava com sua aparência devastada. Mas em nenhum momento ela diz ser Marguerite, então retornamos a uma obra autobiográfica novamente.

Ficamos assim no meio termo, por enquanto não enquadramos essa obra nas definições de Lejeune se é autobiografia ou romance autobiográfico. Seguindo com as teorias de Lejeune encontramos uma na qual segundo ele , quando “o personagem não tem nome, mas o autor não firma nenhum pacto - nem autobiográfico, nem romanesco. A indeterminação é total” (LEJEUNE, 2008, p.29). No quadro de classificações que Lejeune propõe podemos encaixar esse romance como indeterminado. O leitor de *O amante* confirma a identidade autor-narrador-personagem, mesmo não havendo nenhuma declaração oficial no texto. Para Lejeune (2008), a partir das suas classificações esse tipo de textos, que é “indeterminado” ele chama de romances. Todavia, fica evidente em *O amante* que os traços autobiográficos estão presentes.

## **AUTOBIOGRAFIA E ESCRITA FEMININA**

Em relação ao contexto histórico do gênero autobiográfico ou memória, podemos afirmar que ele surgiu a partir do século XVIII. Segundo Santos (2010), foi

com o advento da burguesia e se fortalecem com a propagação das ideias que estavam circundando o indivíduo. Mas, somente no século XX que esse gênero teve seu auge.

Segundo Viana (1995) vê a escrita memorialística feminina como a fala que existiu sempre, mas não foi ouvida. Para a mulher há características impostas como submissão, fragilidade e se as aceitasse era vista como “abrigo do divino” e se recusasse se tornava o “abrigo do diabólico”.

Para a autobiografia o foco são os registros da realidade pessoal, ou seja, os registros das experiências pessoais. Esses registros se relacionam com o contexto sócio-histórico do momento que foi registrado e assim ficam repletos de informações históricas, percebemos isso em *O amante*, a partir dos registros da autora nós temos a informação que ela residia em uma colônia francesa, na qual havia muito preconceito por parte do colonizador embora Marguerite Duras e sua família pertencessem à minoria branca, eles se encontravam em péssimas condições financeiras. De acordo com Santos (2010, p.5) “a literatura confessional não está ausente de desvios, mas não deve ser tratada exclusivamente como ficção.”

Maria José Motta Viana (1995, p.18), quando analisa a escrita de cunho feminino diz que:

No que concerne a escrita memorialística feminina, a luta maior se trava com uma outra censura, mais sutil e mais imperiosa porque freqüentemente inconsciente: a censura interna de cada um, nascida da incorporação de valores, concepções e preconceitos que o contexto sócio-cultural impõe a cada sujeito.

Sendo assim, a escrita memorialística se dá no universo feminino. Marcelo Duarte Mathias (1997), da mesma forma que Viana, questiona esse olhar feminino, incluindo em seus escritos essa diferença do tom narrativo de um texto feito na juventude e na velhice.

Maria Luiza Ritzel Remédios (1997), analisa a literatura confessional, como sendo a que possui um laço mais forte com o leitor por se tratar de um eu, de uma pessoa que se mostra completamente para o leitor. O questionamento se dá ao pensarmos na narrativa de Duras, e pelo fato dela se mostra, completamente para o leitor, em que momentos temos esse fato presente na narrativa.

Em vários momentos da obra, temos Marguerite se revelando totalmente em seus sentimentos em relação ao seu amante e a sua colega de pensionato, Hélène Lagonelle, na obra temos um momento em que a personagem passa a ter o desejo de ver sua colega com o seu amante para ela ter a mesma experiência que ela teve, mas teria que ser em sua frente fazendo o que ela mandasse. Ela revela nesse momento o seu

prazer por sua colega, o seu desejo. Temos a confirmação disso na própria obra: “Eu gostaria de comer os seios de Hélène Lagonelle como são comidos os meus no quarto da cidade chinesa...” “Sinto-me extenuada de desejo por Hélène Lagonelle.” (DURAS, 1986, p.81).

A figura feminina da personagem tem uma postura que não condiz com as mulheres da época, isso causa um estranhamento para com as pessoas da sociedade, principalmente quando o livro foi lançado, houve muitas críticas em relação a ele, pois rompe com o ideal de mulher. Segundo Silva (2011) a obra rompe com a ideia de que a figura feminina é frágil, delicada e todas as características que normalmente estão ligadas à mulher.

De acordo com Arfuch (2010, p.227)

se por meio de suas leituras o escritor define sua dupla identidade como autor/leitor – e, mais ainda, sua posição relativa, seus esquemas valorativos, sua originalidade, sua distinção –, no traçado dessa cartografia não pode faltar a hipótese em torno de sua própria leitura como autor, como imagina seu “leitor modelo” – o comum, o crítico – e como se confronta, ou deveria se confrontar, ao produto de sua escrita.

Percebemos a procura do “leitor modelo” de Marguerite Duras, pois ela criou uma obra que teve bastante impacto em seu lançamento, mas era a intenção de causar esse estranhamento para seus leitores modelos, para estarem quebrando com barreiras existentes da desigualdades sociais e da mulher frágil.

Na obra a autora retorna ao passado com suas lembranças para descrever seu caso amoroso. Nessa leitura temos a autora se mostrando inteiramente aos leitores, com passagens com erotismo o livro está repleto de sinceridade descrita pela própria autora. Nessa obra Marguerite Duras apresenta um texto narrado impreciso, pois não contém datas certas, não contem nomes, mesmo ela se denomina por vezes como “a menina com chapéu de feltro”, “a moça branca”, “a moça da balsa” etc. Em alguns momentos percebemos a narradora com incertezas se algo havia acontecido mesmo do jeito que estava sendo narrado, mas isso seria pela a idade em que a narradora estava em sua velhice ela estava relembando sua adolescência, então seria normal que houvesse algumas falhas em suas lembranças.

Também encontramos na obra a informação do seu envolvimento com o álcool, na vida de Marguerite Duras sabemos que ela foi internada mais de uma vez para se tratar do vício do álcool e encontramos esse relato na sua obra:

Vejo agora que muito jovem ainda, com dezoito anos, com quinze anos, eu tinha este rosto, premonitório daquele que adquiri em seguida com o álcool na meia-idade da minha vida. O álcool desempenhou a função que Deus não exerceu, também a função de me matar, de matar. Este rosto de álcool, eu o adquiri antes do álcool. O álcool apenas o confirmou. (DURAS, 1986, p.13)

Assim de uma maneira geral são nesses e em outros aspectos que a obra segue essa linha da autobiografia de Marguerite Duras.

A escritora francesa vai se revelando diante da narrativa ao expor os momentos que marcaram a sua vida e a de sua família, que nesse momento era constituída de mais dois irmãos e da mãe. O contexto histórico também marca fortemente a narrativa, principalmente em relação às nações envolvidas, ou seja, China, França e Indochina.

A escrita feminina de cunho autobiográfico nos remete ao gênero memorialístico, e como ele pode como o nome já diz prescindir da memória, a narrativa fica sempre no limite da ficção e da realidade. Assim,

em toda a autobiografia – que é sempre muito mais do que uma autobiografia - se desenvolve uma constante interação da memória com a sua decantação, que resulta do momento presente e da visão retrospectiva do passado, tal como esse presente o revê e imagina. (MATHIAS, 1997, p. 43-44).

É isso que percebemos na autobiografia de Marguerite Duras, ela inicia nos revelando que está em uma idade avançada e nos conta a história da sua mocidade a partir de como ela a enxerga no seu presente, tendo essa visão retrospectiva do passado, ou seja, como ela o vê na sua idade e reavalia alguns acontecimentos que pelo motivo da distância temporal, não os têm bem definido na sua memória.

Dessa forma, observamos em Duras que vários momentos da obra temos esse mostrar-se completamente para o leitor. Segundo Viana (1995), quanto mais elaborada a reprodução dos fatos, menos verdadeira ela será, pois o relato perfeito em detalhes nos traz suspeitas do que está sendo dito. Podemos então perceber esse mostrar completo de Duras, pois temos momentos que a narradora revela que por questão de muito tempo que se passaram algumas lembranças não são exatas. Então não temos dúvidas lançadas a respeito do mostrar-se completamente de Duras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a obra *O amante* de Marguerite Duras a partir de teorias autobiográficas propostas por Philippe Lejeune e teorias de memórias femininas de Maria José Motta Viana, percebemos que a escrita memorialística está o tempo todo presente e como ela se dá no universo feminino. Segundo Bourdieu (1986, p.184)

cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva. Uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis...

Nessa obra, temos uma enormidade de assuntos entrelaçados, como o preconceito que existia entre os colonizadores e os colonizados no contexto sócio histórico em que se passa a história, observamos também que a narrativa mostra uma mulher que rompe com os padrões esperados para aquela época, por isso quando o livro *O amante*, foi lançado sofreu muitas críticas por não condizer com os padrões de mulheres respeitadas da sociedade.

Essa obra tem forte presença de elementos autobiográficos, mas quando analisada a partir de Lejeune chegamos à conclusão de que esse romance pode ser classificado como Indeterminado, pois o autor não firma nenhum pacto e a personagem não possui um nome. Durante a narrativa não aparecem nomes de nenhum dos personagens a não ser de sua colega de quarto do pensionato Hélène Lagonelle.

Em relação à escrita feminina, percebemos que a autora revela os seus sentimentos para com as pessoas, algumas com amor ardente, e desejo e outras com ódio. Percebemos que a narradora apresenta uma personagem que tem uma postura que quebra com o esperado para as mulheres da época, ou seja, mulheres não tinham tanto uma independência em relação a muitas coisas da sociedade e tinham uma postura frágil, delicada, respeitada, eram mulheres guardadas para se casarem com um homem, servindo-o até a morte.

Temos durante a obra momentos interessantes nos quais a história da adolescência, com o amante chinês, é contada, revelando suas intimidades e seus desejos. Segundo Gass (1994, p.5) “O autobiográfico tende ir por partes, a pular os trechos chatos e dar a volta nos pontos onde há concentração de embaraço.”

Sendo assim, vemos em *O amante* uma obra autobiográfica, onde possui ficção e realidade, pois nenhum relato é totalmente repassado como aconteceu, a própria memória pode oscilar entre realidade e fantasias, e pode possuir falhas onde suprimos com nossos desejos e vontades.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

BAHIENSE, Andréa de Castro Martins. **Literatura e memória em Marguerite Duras**. Revista Icarahy, v. 1, p. 2, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: FERREIRA, M e AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. R.J. FGV. 1998.

CAMARANI, Ana Luiza Silva ; VICENTE, Adalberto Luiz ; LEITE, Guacira Marcondes Machado ; AMORIM, Silvana Vieira da Silva . **Leituras de uma escritura: O Amante**, de Marguerite Duras. Lettres Francaises (São Paulo), Araraquara: UNESP, v. 3, p. 28-42, 1999.

DURAS, Marguerite. **O amante**. Trad: Aulide Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rio gráfica, 1986.

FORTES, Isabel . **Marguerite Duras e a escritura do feminino**. Psyche (São Paulo), v. XI, p. 161-174, 2007.

GASS, William. **A arte do Self**. Trad. Heloísa Janh. Mais página, 1994

KADOTA, Neiva Pitta . **Marguerite Duras: a escrita como catarse**. FACOM (FAAP), v. 1, p. 19-24, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet** / Philippe Lejeune; organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MATHIAS, Marcelo Duarte. **Autobiografias e diários**. IN: Revista Colóquio/ Letras. Ensaio, nº143/144, Jan.1997, p.41-62.

MELLO, Celina Maria Moreira de. **O Texto de Marguerite Duras**. Fragmentos (Florianópolis), v. 4, n.1, p. 95-105, 1993

PARAISO, Andréa. Correa. ou MÜLLER, A. C. P. . **A multiplicidade do sujeito na obra de Marguerite Duras**. Itinerários (UNESP), Araraquara, v. 15/16, p. 69-76, 2000.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROCHA, Clara Crabbé. **O espaço autobiográfico em Miguel Torga**. Coimbra: Almedina, 1997.

SANTOS, Marcela Ernesto dos Santos. **Autobiografia feminina: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou**. V.1, n.4. Sertãozinho: Revista Iluminart do IFSP, 2010.

SILVA, Maria Luiza Berwanger. **Marguerite Duras: presença na ausência**. Formação (Presidente Prudente), v. 1, p. 63-70, 2007.

SILVA, Yara dos Santos Augusto. **Figurações do feminino na escritura de Marguerite Duras.** Em Tese (Belo Horizonte. Impresso), v. 17, p. 1-9, 2011.

VIANA, Maria José Motta. **Memórias femininas - em busca de um olhar.** In: Do sótão à vitrine memória de mulheres. Belo Horizonte: UFMG, 1995.